

LUIS-PHILIPPE PEREIRA LEITE, ORÁCULO CUIABANO

Ubiratã Nascentes Alves

(Membro Efetivo da AML, Procurador do Estado, Advogado, Administrador)

As pessoas incomuns merecem ser lembradas e por tal razão, conhecedor das raras qualidades que revestiam o singular confrade, não poderia deixar passar em branco a lembrança do seu Centenário. Tarefa laboriosa envolvendo uma complexa responsabilidade, busquei evitar lacunas de toda natureza, desta personalidade marcante, que ainda poderá se tornar uma lenda em nossa cultura regional.

Passava o tempo na morna, pacata urbe das minas faiscantes e após sofrer total declínio, sem que o gentio notasse, brotou desta feita uma joia de pessoa em 12 de dezembro de 1916, era Luis-Philippe Pereira Leite. Seus pais João Pereira Leite e Jovita Valadares Pereira Leite, eram pessoas humildes, moravam de início em uma casa na esquina da Rua Barão de Melgaço com a Travessa 12 de Outubro, local onde bem pouco ficaram e onde nasceu a primogênita Hermínia, em fevereiro de 1914. Logo a família se mudou para nova residência, na mesma Barão de Melgaço esquina com Avenida Murtinho, antigo nome da atual Getúlio Vargas, onde nasceu Luis-Philippe, e seu irmão caçula José Venâncio, em 11 de março de 1920. Quanto ao nome que nos remete a indagações, esclarece o próprio, ... *"O meu nome, Luis-Philippe, era uma consideração de meu pai por Luis-Philippe Saldanha da Gama, almirante, que morreu numa revolução em 1893. Não tem nada a ver com o meu tio-avô Luiz Benedito ou com o Rei de França"* (PEREIRA LEITE. In: SILVA, 1999, p. 54)

Oportuno registrar que irei me socorrer na fonte segura e beber d'água pura, *"Philippeanas"*, biografia trazida a lume em trabalho de longas pesquisas e dedicação filial do ilustre Paulo Pitaluga Costa e Silva, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, que assim se manifestou : *"Com muito envolvimento, o Dr. Luis-Philippe acompanhou de perto a redação dos vários capítulos do presente trabalho. Ouviu-o linha por linha, corrigindo datas, acertando fatos, explicando melhor, enfim, dando o seu acerto pessoal e deixando o trabalho o mais perto possível do real e do correto. Chegou a reclamar com minha mãe da minha demora em terminá-lo."* (SILVA, 1999, p. 17)

Desta forma, podem confiar na autenticidade das informações, eis que conferidas pelo próprio biografado em vida, eu apenas me apresentei para republicar artigo de minha lavra por ocasião do óbito de Luis-Phillipe, que depois foi transformado no registro do seu centenário para a Revista da AML. Desta forma ganhei imenso compromisso, honra de efetivar mais justa homenagem a um ícone da reserva moral, humildade franciscana que dedicou inúmeras obras registrando a biografia de eméritos personagens da historiografia regional, que jamais poderia ser esquecido em sua hora.

ANCESTRAIS MEMORÁVEIS

Seu pai representava as famílias dos Pereira Leite, a genitora os Figueiredo, Valadares e os Hugueney que no decorrer de séculos, vieram se destacar neste solo como administradores, militares, estudiosos e políticos. Interessante registrar sua ancestralidade mais remota, que bem demonstra a pura linhagem de uma estirpe pioneira de lutadores incansáveis. A seguir ...

Leonardo Soares de Souza, lusitano de Setúbal seu primeiro ancestral, veio junto com seu genitor, Jerônimo Soares de Souza, chegando em Cuiabá no ano 1769. Logo depois em 1772, assenhora-se de vasta área na serra das Araras, de pronto requerendo Carta de Sesmaria para regularizar estas promissoras terras ao capitão-general Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres. Neste local surgiu a grandiosa Fazenda Jacobina, dedicando-se na administração da mesma e dividindo tempo com a povoação de Vila Maria, chegando até a colaborar na sua defesa militar. Merece destacar que, em 6 de outubro de 1778, assinou a Ata de Fundação da novilha Vila Maria do Paraguai, no leito da estrada que levava até Vila Bela. Sendo graduado Capitão de Milícias, defendeu o Forte de Coimbra em 1801 dos ataques espanhóis, que lhe valeu receber em 1804, o Hábito de São Tiago, uma das mais importantes comendas de Portugal. Mais tarde em 4 de julho de 1813, por ato de D. João VI, foi reformado no posto de Coronel de Milícias. Casou-se com D. Ana Maria da Silva, em data próxima de 1798, deixando filha única, Maria Josefa de Jesus. Leonardo Soares de Souza veio a falecer na Jacobina, por volta de 1814, a maior fazenda da Capitania e Província.

João Pereira Leite, nasceu em Santa Maria do Outeiro, próximo de Setúbal, em Portugal, no ano de 1770. Filho de José Pereira Leite, permeou uma brilhante carreira militar, inicia em 23 de outubro de 1778 nas milícias do reino, transferido para Mato Grosso em 1796 e servindo em Vila Bela como Porta Estandarte. Recebeu nova promoção em 1810 para alferes de dragões, em seguida no mesmo ano, a

Capitão. Casou-se com Maria Josefa de Jesus, por volta de 1813, gerando uma extensa prole de 10 filhos. Mais tarde, com a morte do sogro ele herdou a Fazenda Jacobina. Foi promovido a Tenente-Coronel em 5 de julho de 1818 e a Coronel no dia 17 de julho de 1828. Com a deposição do Capitão General Magessi, no ano de 1821, e formação das juntas governativas de Vila Bela e Cuiabá, sua postura foi decisiva, mesmo sofrendo ameaças daquela, permaneceu no apoio a de Cuiabá. Recebendo os louros por seu árduo e leal trabalho prestado, recebeu em 17 de novembro de 1830, no grau de Comendador a Ordem de São Bento de Aviz. Foi reformado em março de 1830, morreu na Jacobina no dia 6 de setembro de 1833.

Maria Josefa de Jesus Pereira Leite, conhecida como "Nhanhá da Jacobina", nasceu na Fazenda Jacobina no ano de 1799 ou 1800, não sendo possível precisar, filha do pioneiro Leonardo Soares de Souza e Ana Maria da Silva, sua infância alternava entre Jacobina, Vila Maria e Cuiabá. Casou possivelmente aos 14 anos de idade em 1813, com João Pereira Leite, que já possuía uma certa idade, mas de qualquer forma geraram 10 filhos. Falecendo o marido em 1833, exerceu forte e rígida gerência da Jacobina, tocando um matriarcado pleno, estando tudo sob seu controle e administração. Contraiu novas núpcias, aos 34 anos, com José Alves Ribeiro, gerando um filho de nome Generoso. Foi abandonada pelo marido, talvez por sua vontade imperiosa e faleceu aos 3 de novembro de 1888, em Cáceres aos 88 anos.

João Carlos Pereira Leite, foi, possivelmente, o grande expoente de sua família. Nasceu na Fazenda Jacobina no dia 4 de novembro de 1816. Foi seu padrinho o capitão-general João Carlos Augusto d'Oeynhausen e Gravenberg, denotando um belo começo, caso a Jacobina não lhe bastasse. Era o segundo filho de "Nhanhá da Jacobina", sendo seu irmão mais velho excepcional. Órfão ainda aos 16 anos, passou a gerenciar a propriedade junto com a sua mãe. Apesar de nunca ter se casado, teve 4 filhos, sendo todos eles reconhecidos: Rosa, Maria da Glória, Luiz Philippe e Ana Maria. Depois adulto, ingressou na política junto ao Partido Conservador, na época o de maior força no Estado. Possuía grande firmeza de caráter e personalidade marcante, como se pode notar em muitas ocasiões, por exemplo, na questão do revolucionário Sabino. O cabeça da Revolução Sabinada, que chegou mesmo a proclamar em 7 de novembro de 1837, a República Baiana, mas depois vencido, ficou preso em Vila Bela. Escapando, refugiou-se na Jacobina, sob a proteção do titular. Nem mesmo as tropas que pretendiam recapturá-lo ousaram entrar na fazenda. Francisco Sabino da Rocha Vieira, que era médico, permaneceu exercendo sua

profissão atendendo as pessoas até sua morte, em 25 de dezembro de 1846. Exerceu serviços de espionagem em Corumbá, durante a Guerra do Paraguai, havendo criado, por sua conta, um batalhão composto de soldados, armas e munições. Ainda mais, na retomada de Corumbá, levou reforços para consolidar a vitória, por seu empenho na guerra, recebeu a Ordem de Cristo, no grau de Cavaleiro, em 22 de junho de 1862, e a Medalha de Campanha do Paraguai, em 2 de junho de 1971. Finda a Guerra do Paraguai, uma epidemia de varíola veio assolar Cuiabá. Assim, montou uma barreira para quarentena, onde os viajantes oriundos da capital ficavam sob observação durante o período de incubação da doença. Desta forma, evitou a propagação do mal em Vila Maria, e Oeste do Estado. Jacobina e Vila Maria se confundiam, experimentando a fazenda os dias de maior esplendor. Destacou-se igualmente como administrador público, além das atividades antes referidas, construiu o cemitério São João Batista, depois doado para a cidade. Veio a falecer em Cáceres, no dia 3 de outubro de 1880. Depois, a Jacobina entrou em declínio, agravada com abolição dos escravos em 1888.

Maria da Glória Pereira Leite Gomes da Silva foi a nona filha de João Pereira Leite e Maria Josefa Pereira Leite. Nasceu em 22 de abril de 1831, sendo batizada na capela da própria fazenda pelo Bispo de Cuiabá, frei José Maria de Maccerrata. Fez os seus estudos também na Jacobina. Iniciou namoro, quando devia ter 13 ou 14, com seu primo de segundo grau, José Joaquim Gomes da Silva, mascate viajante, durante suas visitas à fazenda. Não sendo consentido o matrimônio, fugiram e, dessa forma, vieram a se casar em 29 de janeiro de 1847, enlace realizado na capela da fazenda, coisa de novela ! Geraram dois filhos: Joaquim José Gomes da Silva, em 16 de janeiro de 1848, e Eugênio Joaquim Gomes da Silva. Estes Gomes da Silva originaram famílias tradicionais em Cáceres, Poconé, Corumbá, Pantanal e Nhecolândia. O pai, saindo de Corumbá, vencendo pantanais a cavalo e longa distância, levou até a corte a notícia sobre a invasão da província de Mato Grosso. Finda a guerra, recebeu do Imperador Pedro II, o título de Barão de Vila Maria. Ele veio a falecer embarcado no navio "Madeira", no dia 4 de abril de 1876, em Montevidéu, quando retornava de uma viagem comercial ao Rio de Janeiro. A Baronesa, mulher culta, legou-nos uma evocação: "*A extinta Província de Mato Grosso poderá por si só constituir-se Estado?*", obra publicada no Rio de Janeiro, em junho de 1890. Depois, mudou-se para Corumbá, faleceu em 22 de setembro de 1903. Foi uma grande alma, possuía inúmeras virtudes.

Luís Benedito Pereira Leite nasceu na Fazenda Jacobina, em 21 de janeiro de 1830, iniciando seus estudos em Vila Maria, para mais tarde seguir para o

Rio de Janeiro, em 1846, com o intuito de matricular-se na Escola Militar. Após as promoções usuais da carreira, atingiu para reforma o posto de Capitão no ano de 1862. Vindo posteriormente a se dedicar ao comércio e à política, através Alvará de 30 de junho de 1856, recebeu o título honorário de Fidalgo Cavaleiro da Casa Imperial e, pela Carta Imperial de 19 de abril de 1858, a Ordem da Rosa. Proclamada a República, estando filiado ao Partido Nacional, foi eleito Vice-Presidente de Mato Grosso, chegando a exercer interinamente a sua Presidência, sendo deposto por Generoso Ponce durante a contrarrevolução de 1892. Depois se dedicou ao comércio em Cáceres, falecendo em 15 de janeiro de 1910. Ana Jacinta Sampaio Leite, a primeira esposa, lhe deu 6 filhos, e das núpcias com Maria Catarina Pereira Leite, nenhuma descendência.

Pedro Nolasco Pereira Leite era o filho mais novo de João Pereira Leite e Maria Josefa - "Nhanhá Jacobina", nascido em 19 de janeiro de 1833. Estudioso, tinha vocação tanto para as artes como para a medicina. Deixando a Jacobina, em 1º de fevereiro de 1846, concluiu sua matrícula no Imperial Colégio Pedro II, bacharelando-se em Belas Artes. Vindo rever familiares e passar as férias em Mato Grosso, retornou em setembro de 1854, quando registrou, em interessante opúsculo, o seu caminho de volta, percorrendo por via terrestre os estados de Goiás e Minas Gerais. Conforme o escritor Firmo Rodrigues, ainda jovem recebeu honrarias, *"Muito moço ainda, foi o Dr. Pedro Nolasco agraciado com o título de Fidalgo Cavaleiro da Casa Imperial"*. Usufruindo dessa condição, em 31 de agosto de 1859 requereu, à Sua Majestade D. Pedro II, autorização para contrair núpcias com a senhorita Maria Amélia de Mattos Araújo, concedida em 9 de setembro. Apresentou sua tese de bacharelado: *"Ciências Cirúrgicas - Patologia Externa e Patologia Geral"*, em 31 de março de 1860, sendo então considerado Bacharel em medicina, tornando-se o primeiro médico mato-grossense. Sentindo-se doente, retornou, por via marítima e fluvial, até Corumbá, onde faleceu aos 27 de junho de 1860, findando, assim, a precoce carreira que se mostrava auspiciosa, pois desde 1850 ele escreveu e ilustrou com gravuras suas, uma série de apostilas de ciências naturais, e lá se foi o talento científico que sinalizava.

João Carlos Pereira Leite nasceu em Cuiabá, em 12 de julho de 1861. Era filho de Luís Benedito Pereira Leite e, cumprindo a tradição Jacobina, foi batizado em Cáceres, aos 19 de março de 1862. Fez em Cuiabá seus estudos preliminares, até os seus 17 anos, seguindo depois para São Paulo. Sendo aprovado para a Faculdade de Direito, se formou Bacharel em Direito, no ano de 1887. Depois, retornou para Cuiabá, onde, após vivenciar curto período na advocacia, ingressou nos

quadros da magistratura, exercendo o cargo de Juiz de Direito por longo tempo, chegando a Desembargador e Presidente do Tribunal de Justiça. Aposentado nesse cargo, ingressou na vida política, devido a grande amizade com Pedro Celestino Corrêa da Costa, sendo eleito pela Aliança Liberal a Deputado Federal. Assinou um acordo entre partidos políticos, em 11 de outubro de 1917, que elegeria Dom Aquino Corrêa futuro presidente do Estado. Encerrou seu último mandato em dezembro de 1923, aceitando o convite do governador de Santa Catarina para assumir o cargo de Secretário Geral do Governo, permaneceu até 1928. Depois, regressou para Cuiabá, afastando-se da vida pública e das atividades sociais, até seu falecimento em 1933. Contraiu núpcias com Amélia de Cerqueira Caldas, filha do Barão de Diamantino, que lhe deu 14 filhos.

Euphrosina Hugueney de Mattos nasceu e Raiz da Serra, no Rio de Janeiro, em 29 de março de 1871, sendo filha de Carlos Teodoro José Hugueney e Maria Francisca de Bulhões Valadares. Chegou a Cuiabá ainda muito criança, em 24 de dezembro de 1874, na companhia do seu genitor, que veio ocupar a meticulosa função de diretor da Fábrica de Pólvora do Coxipó. Realizou seus estudos primários na capital, não os prosseguindo em face de seu casamento, aos 16 anos, realizado na Catedral de Cuiabá, aos 29 de junho de 1888, com Joaquim Francisco de Mattos, este um abastado comerciante português. Dois dias antes do casamento, foi expedido, pela Intendência Municipal, um Alvará criando a "Casa Euphrosina", que logo seria administrada de forma competente e dedicada pela proprietária, um conceituado baluarte da moda. Localizava em imponente casarão de dois andares, na esquina da antiga Travessa da Assembleia com o Beco do Candeeiro, o comércio no andar térreo e morada do casal na parte superior. Dessa união nasceram três filhos. Ficando viúva, no início de 1900, cuidou sozinha do comércio e dos filhos. Havendo o negócio prosperado, até importando roupas diretamente de praças como Argentina e Uruguai, por sua eminente importância, Euphrosina veio a ser reconhecida como "A Primeira Mulher Comerciante de Cuiabá". Faleceu no ano de 1933, e havendo o casarão desabado em 1972, existe hoje, na convergência da Rua Campo Grande e Rua de Baixo, uma modesta praça que recebeu seu nome "Euphrosina de Matos", com placa em singela homenagem.

Etelvina de Paula Corrêa Valadares era avó de Luis-Philippe Pereira Leite. Nasceu em Cuiabá, a 12 de abril de 1867, e casou-se aos 12 anos com João Luís Bulhões Valadares, em 10 de maio de 1879. Conforme depoimento do ilustre neto, *"ela era uma criatura baixinha, adulta da cabeça até a cintura e anã dos membros inferiores"*. Falecendo o esposo, trabalhou duro para atender necessidades,

fazendo costuras de fardas e casacos da Força Pública. Foi também educadora dos filhos e amante dos netos. Possuía considerável prática como enfermeira, ensinando os netos a aplicar injeções, exercitando em laranjas. Foi mulher de fibra e que soube cativar filhos e netos, havendo se transformado no centro das atrações destes. Dedicava-se a habituais visitas aos enfermos do Hospital São João dos Lázaros. Polivalente, nadava muito bem, montava a cavalo e, nas palavras do neto aqui biografado, *“tirava leite de todas as fêmeas e castrava todos os machos”*. Com muito amor, ela guardou, por diversos anos, os instrumentos de enfermagem em um caixote de madeira velho, que foi o primeiro laboratório do neto cientista, José Venâncio Pereira Leite. Avó Telva, como era seu apelido familiar, faleceu em 15 de setembro 1940.

Alzira Valadares era filha de João Luís Bulhões Valadares e de Etelvina de Paula Corrêa Valadares, nasceu no dia 25 de junho de 1881. Estudou em Cuiabá, fazendo o ginásio no Liceu Cuiabano, tendo sido colega de Eurico Gaspar Dutra, futuro Ministro da Guerra e Presidente da República. Dedicou-se, e com muito zelo, ao magistério, tendo sido uma das professoras que se destacou após a introdução da reforma da instrução pública efetivada por Pedro Celestino. Foi professora de várias gerações de conterrâneos que vieram a se destacar em inúmeras carreiras, como o desembargador Antônio de Arruda, Ernesto Pereira Borges e o famoso historiador Rubens de Mendonça. Foi também excelente pintora de aquarela e a óleo, deixando encantadores quadros. Os que vivenciaram seus tempos retratam-na como pessoa de pequeno porte que irradiava dinamismo, olhar meigo e atento, disciplinada, disciplinadora que proferia aulas magistrais. Faleceu a 18 de setembro de 1965, ainda solteira. Recebeu louvor do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, havendo comemorado solenemente o seu centenário.

João Pereira Leite nasceu na Fazenda Jacobina, em 4 de março de 1884. Era filho de José Venâncio Pereira Leite e Hermínia Alves da Cunha, este era o genitor de Luis-Phillipe Pereira Leite. Como praxe, concluiu, na própria Jacobina, o curso primário. Perdeu a mãe aos 4 anos e o pai aos 12, seguindo para estudar em Cáceres. Ali ficou abandonado até que seu tio e Padrinho, João Carlos Pereira Leite, percebendo boas qualidades no jovem, levou-o para Cuiabá, em 9 de janeiro de 1896, onde continuou os estudos. Fizeram o caminho fluvial descendo o Paraguai, depois subiram o Rio Cuiabá, sendo que naquele mesmo ano veio o adolescente a ser matriculado no Liceu Salesiano São Gonçalo. Findo os estudos elementares, iniciou trabalho na condição de aprendiz, junto à Tipografia de Avelino de Siqueira, onde

recebia elogios e produzia com fina arte. "*A Invasão Paraguaia em Mato Grosso*", de Antonio Fernandes de Souza, editado no ano de 1919, foi um dos trabalhos que ele imprimiu na referida gráfica. Foi nomeado, por João Vilasbôas, advogado provisionado em 1910. Posteriormente, aposentando-se João Nunes, e por intervenção desse mesmo amigo Vilasbôas, João Pereira Leite foi nomeado Tabelião do Cartório do 2º Ofício de Cuiabá, em novembro de 1922. Trabalhou ali durante longos anos, até aposentar-se em 12 de julho 1951, momento em que o filho Luis-Philippe Pereira Leite assumiu o lugar.

Allyrio Hugueney de Mattos nasceu em Cuiabá a 29 de julho de 1889, filho de Joaquim Francisco de Mattos e Euphrosina Hugueney de Mattos. Concluiu os estudos primários em Cuiabá e cursou o ginásio no Rio Grande do Sul, em São Leopoldo, voltando para Cuiabá em razão do falecimento do genitor, onde terminou o ginásio em 1907. Seguiu para Rio de Janeiro em 1908, ingressando na Escola Politécnica, onde se formou engenheiro em 1913. Atuou de pronto como assistente e depois, na condição de livre docente, lecionou "Astronomia de Campo e Geodésia". Em 1917, ingressou, por concurso público, como astrônomo do Observatório Nacional, onde permanece até 1938. Foi membro fundador da Sociedade Brasileira de Cartografia, havendo deixado notável contribuição de forma técnica no serviço de mapeamento do Brasil, pesquisas publicadas em diversos artigos, livros, teses. O Conselho Nacional de Geografia, em sua homenagem, registrou a base de triangulação de Cuiabá, como "*Base Allyrio de Mattos* - n. 2.249, Cuiabá, 1972". Casou no Rio de Janeiro, a 8 de janeiro de 1916, com Maria de Araújo Mattos, e nessa mesma cidade viveu os últimos dias, falecendo aos 6 de janeiro de 1975.

A INFÂNCIA EM CUIABÁ

Luis-Philippe Pereira Leite nasceu em Cuiabá, aos 12 de dezembro de 1916, filho de João Pereira Leite e Jovita Valadares Pereira Leite. A família habitava um velho casarão, na confluência da Murtinho, hoje Avenida Presidente Vargas, exatamente onde está abrigada a agência central do Banco do Brasil. Veio a ter dois irmãos Hermínia Pereira Leite e José Venâncio Pereira Leite.

Adiante, transcrevo trechos da entrevista do próprio Luis-Philippe ainda em vida:

Meu pai era tipógrafo de Avelino de Siqueira [...]. Residiu inicialmente na casa de frente para a rua Barão de Melgaço esquina com a travessa 12 de Outubro. Nessa casa nasceu a primogênita Hermínia em 7 de fevereiro de 1914. desde pequena muito viva e esperta, alfabetizando-se antes dos seis anos.

Pouco depois, meus pais mudaram-se para a mesma rua Barão de Melgaço esquina com a Avenida Murtinho. [...]

Eu fui muito doentio e estava quase à morte quando, em 25 de fevereiro de 1917, Hermínia e eu fomos levados à pia batismal, cerimônia oficiada por um santo sacerdote franciscano francês, frei Carlos Valetti, um estudioso das plantas medicinais.

Depois de nascido, José Venâncio ficava mais tempo deitado, para que minha mãe pudesse atender minha enfermidade, que consegui vencer depois dos seis anos, à força do leite de cabra. Em brincadeira dizíamos que por ter ficado deitado muito tempo, José Venâncio ficara com a cabeça chata, mas em compensação o cérebro se poupou e ele conseguiu ser o sábio que foi.

Lembro-me certa vez que um súdito inglês de nome Anthony Keating fez barganha com Hermínia, que possuía uma cartolina representando o brasão de armas de Mato Grosso, desejando obtê-lo, o trocou com Hermínia por uma bonita boneca vestida de seda rosa e cor de vinho, numa caixa de papelão de quase um metro de altura. Hermínia ficou encantada com a boneca. [...]

Nas horas vagas, João, filho mais novo do Presidente Pedro Celestino, vinha trocar comigo caramelo por tamarindo [...]

Em 10 de novembro de 1922, falecia o tabelião do 2º. ofício Manoel Nunes de Barros, e papai passou a substituí-lo [...] Vendeu a tipografia, pois desde que deixou a empresa de Avelino de Siqueira passou a trabalhar no ramo por conta própria. Para melhor instalação do cartório, a família passou para a terceira residência, de frente para a rua Campo Grande. [...]

Dessa casa tenho lembranças das travessuras e das chicotadas que levávamos. Eu não gostava quando o José era castigado sozinho por travessura individual, eu tinha pena dele e ficava chorando por ser tão magrinho ia ficar machucado. Mas quando a surra era de roda batida, estava tudo bem. Depois que foi crescendo, o José que fazia muito estardalhaço, vinha a mim e, como quem toca uma viola, me dizia baixinho :

Não doe, não doe, não doe ...

No sobre corredor, José montou o seu laboratório. Papai comprou para nós de um viajante da Jackson, sr. Osório Bittencourt, a coleção Tesouro da Juventude em dezoito volumes. [...] A coleção veio num caixão de madeira e foi nesse caixão que ele transformou em armário para seu laboratório [...] Naquele laboratório ele fazia mil coisas. Havia explosão, havia interceptação de rádio do vizinho, etc. [...]

Nos serões do Banco do Brasil daquele tempo, com luz deficiente, nós ficávamos na agência mantendo as velas de estearina acesas e ajustadas às bocas de garrafas, para que os funcionários pudessem concluir os seus levantamentos para o balanço semestral...

Em outubro de 1923 chegou de Cáceres a família de Mário Motta, muito ligada a papai, com os seus filhos Eurides e Mariozinho. Tivemos outros bons companheiros, desde a noite da sua chegada em que fomos juntos à rua do Meio comprar vela, pois não tínhamos luz elétrica. [...]

Fazíamos teatro com o vizinhos e a representação era animada pela Duse, filha do senador Vilas Boas. As vezes nossa movimentação era tanta que minha mãe ficava zangada e acabava com o teatro antes de iniciar a representação. [...]

Em 1921, assisti o enterro do arcebispo de Cuiabá, D. Carlos Luís d'Amour. Ele morreu no dia 9 de julho, foi embalsamado e foi sepultado dia 12. Eu fui com minha avó ver o féretro. Eu tinha 4 anos e meio. Na hora chegou aquela carreta

carregando o caixão do defunto, parecia um berço de criança, puxada por um cavalo branco. Aquilo me impressionou muito. [...]

Do meu tempo de estudo primário eu tenho duas lembranças fixas de alunos que foram tidos como modelo. Um foi o Moacir Farias Vinagre, que num ano ganhou medalha de ouro, e outro o Wilson Rodrigues da Silva que no outro ano ganhou também a medalha de ouro. Depois acabaram com esse prêmio. [...]

As minhas professoras foram, Tereza Lobo no 1º ano; no 2º ano era para ser a professora Hercília Baraúna, mas em março de 1925 ela se casou com João da Costa Marques e foi embora para o Rio de Janeiro; no 3º ano foi a professora Maria Luzia Pimenta, irmã do desembargador Palmiro Pimenta, e no 4º ano foi novamente a professora Tereza Lobo.

No quarto ano eu me lembro de um colega chamado Deligivani Filho, Ele era gago e usava um calção inteiriço, falava esquisito e era um tanto atrasado. Depois foi ser oficial de justiça em Diamantino e morava justamente na casa onde nasceu Batista das Neves, o almirante. [...]

A professora de um ano, dava à sua classe todas as matérias. Português, aritmética, geografia, história, etc.

Quando terminei o primário eu freqüentei o curso de admissão do professor Isác Póvoas. Era naquele sobradão da rua Pedro Celestino, que tinha aquela descida para a rua dos Bandeirantes. No beco Alto. Era meu colega o Arnaldo Addor, que depois foi embora e estudou Química Industrial. Como ele foi o primeiro colocado da primeira turma, ele foi depois considerado o primeiro químico industrial do Brasil. Fiz o exame de admissão em 1929, e tirei o 2º. lugar. O primeiro colocado foi o Firmino de Moraes Cambará, filho de um chefe da banda do 16 BC. era corumbaense, escurinho muito estudioso.

O ginásio eu fiz no Liceu Cuiabano, que funcionava no Palácio da Instrução. Ficamos aí, mas no terceiro ano mudamos para aquele prédio antigo da Praça Ipiranga. A minha sala era a de trás, que dava para a Prainha.

O professor Cesário Neto dava aula de português e era uma competência sem par. Em história era o Philogonio Corrêa, uma grande capacidade. Com ele fiz uma prova e tirei 9, apesar de ter acertado todas as perguntas. Fui perguntar a ele porque tinha tirado essa nota e ele me disse "Você escreveu cidadãos em vez de cidadãos".

O Agostinho Figueiredo dava aula de física e química, e era de um rigor extremo em umas provas, nas outras ele relaxava,

No terceiro ano, o professor de inglês era o Filinto Ribeiro, depois o Pelágio Palma. O professor de latim era Joaquim Marques, exímio latinista. No último ano o professor de latim foi o Luiz Delamônica. O professor de matemática era João Paulo Rodrigues Firmo. [...]

Nós íamos sempre aos finais de semana para os banhados próximos. Antigamente o Ribeirão dava banho gostoso, com sua água limpa e ainda não tinha se transformado em canaleta de detritos. O ribeirão da ponte, ao lado da vila do Coxipó. Íamos também naquele que passa ao lado da Universidade, o Barbado. A gente freqüentava sempre.

Andávamos também na Chácara do Pacheco que ficava mais distante. Ficava na ponte do Jurumirim.

A Prainha naquela época era limpa e tinha até uma certa quantidade razoável de água. E ali no Mundéu a gente ia pegar melão de São Caetano. Pegávamos alguns lambaris, as vezes alguns cascudos, e os limpávamos no quintal de minha avó. Um

dia eu estava na porta da Justiça Federal, onde era a casa e minha avó e vi uma chuva de peixe, que não sei como, foi cair ali no Mundéu. Caíam do céu os lambaris. Como se ivesse alguma onda ou vento batido muito forte e levantou os peixes. [...]

Esse negócio de Papai Noel não existia. Nem Natal nem Ano Novo. Nada disso. No Natal nós saíamos visitando presépios. Corríamos os presépios e só. Eu assisti pela manhã o Dr. Estevão Alves Corrêa tomando posse. Ele estava saindo do Palácio do governo sozinho, à pé, de fraque e cartola.

Ele era alto, com aspecto de imponência. Quando chegou mais ou menos na altura do Hotel Gama ele atravessou a calçada, a polícia estava formada, foi quando ele passou diante da bandeira nacional e levantou a cartola. Eu vi tudo, foi um espetáculo. Até a música que a banda tocou eu guardei na cabeça. Aí ele foi, mas quando voltou vinha com todo o séquito da Assembléia e foi para o Palácio do Governo para a transmissão do cargo. O Pedro Celestino, que ia transmitir o cargo, morava na casa que foi de João Celestino Cardoso, ao lado do Palácio. [...]

Os médicos em Cuiabá eram o Dr. Epaminondas, o Caio Corrêa, pai do Afrânio nosso colega do Instituto, o Joaquim Moraes e os médicos militares, João de Arruda e Humberto Ferrente. Depois teve o Hilton Rocha e o José Otemo de Freitas.

Dentistas tinha o Valter Jeffery, o Filinto Ribeiro e o Pelágio Palma.

O comércio era bem relacionado, bem ativo. Tinha o Antonio Figueiredo, o João Cabral, o Júlio Müller, o Etélio Vini, Cris Figueiredo. Não tinha ainda uma rua fixa, mas tinha um comércio muito forte na rua de Baixo, na do Meio e na de Cima. Na rua 13 de junho tinha a Casa Bom Gosto do Saad. Os turcos ainda não tinham se apoderado do comércio, mas estavam já chegando com disposição. Lá embaixo tinha o Felipinho.

No começo a luz elétrica faltava sempre. Era falha e insuficiente. Aí no governo de Mário Corrêa, com a construção da usina do rio da Casca, é que foi melhorar um pouco.

Eu não frequentava a igreja, nunca fui coroinha e nunca tive arroubos de ser padre. Não tinha esse costume. No Rio de Janeiro é que comecei a frequentar a igreja. Meu pai não se casou no religioso, porque ele era do grupo positivista, mas aquele positivista de fachada, só para contrariar o bispo. Meu pai nunca foi maçom. Esse pessoal todo nunca se casava no religioso, mas quando completava bodas de ouro se reconciliava com a igreja, recebia a suspensão. Dom Aquino é que foi acertando a vida de cada um. (PEREIRA LEITE In: SILVA, 1999, p. 54 ss)

OS ESTUDOS NO RIO DE JANEIRO

Embarcou em 4 de julho de 1934, seguindo em companhia de Mário Motta e família, amigo de seu pai desde tempo da infância em Cáceres. Após a longa viagem, um combinado de lancha e trem, chegou ao Rio de Janeiro em 12 de julho de 1934, começando uma nova e marcante etapa na vida. Inicialmente deslumbrado com a cidade, por pouco tempo ficou alojado com a família Motta, no Bairro de Botafogo, mais precisamente na Rua São Clemente. Mudou-se para uma pensão na Rua Marques, rigorosa na seleção dos estudantes e onde também residia Naly Amarante Peixoto de

Azevedo, filha de Corsino Amarante Peixoto de Azevedo, que seria mais tarde, o patrono de Philippe na Academia. Neste local reside até 1935, depois vai para a renomada Pensão Zurich, na Praia de Botafogo, finalmente no Hotel Bahia, onde fica até retornar a Cuiabá em 1941.

Desistindo da carreira militar, presta vestibular, em 1936, para a Faculdade de Direito de Niterói, onde estuda e dedicou-se durante cinco anos. Entre inúmeros mestres que veio a ter, podemos citar os desembargadores Álvaro Belfort de Oliveira, Aldemar Tavares, Almiro Alonso e Abel Magalhães. Dentre os colegas, haviam vários de Mato Grosso: Aurelino Botelho, Decio de Oliveira Albuquerque, Euricles Motta, Eurípedes Menezes, Hélio Ribeiro, João de Albuquerque, João Gonçalo de Moraes, José Feliciano de Figueiredo, Mário Motta, Rivadávia Albernaz, ainda seu maior amigo, verdadeiro irmão José Carlos Mancini, mas que não era conterrâneo.

Visando ajudar nas despesas, com auxílio de Filinto Müller, então Chefe de Polícia no Distrito Federal, ingressa no Ministério da Justiça, ganhando 350 mil réis/mês, sem comprometer o horário noturno da Faculdade. Durante os fins de semana, fazia exercícios, aprendeu a nadar no Clube de Regatas Guanabara e, na Fortaleza de São João, foi colega de Paulo Dourado Gusmão, grande jurista e desembargador do Estado da Guanabara.

Durante seis anos que residiu no Rio de Janeiro, volta apenas uma só vez para Cuiabá, partindo da capital federal no dia 31 de janeiro de 1940, em razão do grave estado de saúde de sua genitora. Logo após o falecimento desta, ele retorna.

Estando Dom Aquino no Rio de Janeiro, Luis-Philippe que já era seu admirador, foi visitá-lo. Havendo assim, sua apresentação aos célebres padres jesuítas do Colégio Santo Inácio, local onde o arcebispo se hospedava. Este um marco da nova escola espiritual cristã, passando a vivenciar o educandário e conhecer de perto padres e professores de inquestionável valor como os padres Arlindo Vieira, Coelho de Souza, Viotti, grande historiador jesuíta; além de Archotigue, Teheyus, dentre mais outros renomados valores. Importante registrar o Padre Leonel Franca, que foi um dos mais eminentes pensadores brasileiros de todos os tempos, dos notáveis vultos da cruzada pela recristianização da Sociedade Brasileira, mais brilhante filho espiritual de Sto. Inácio de Loyola do Brasil, séc. XX. Doutor em Teologia e Filosofia pela Universidade Gregoriana de Roma, foi membro do Conselho Nacional de Educação, e 1º Reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Válido lembrar que o franzino José de Anchieta, Apóstolo do Brasil era jesuíta.

Este ambiente de profunda inspiração cristã começa a operar mudança e Luis-Philippe a 12 de setembro de 1935, faz a primeira comunhão no próprio Colégio Santo Inácio, depois crismado por Dom Aquino Corrêa! Logo após, envereda no Instituto Católico de Estudos Superiores e no Centro Dom Vital. Nessas entidades, assiste aulas e conferências de intenso conteúdo moral, religioso, ministradas pelo padre dominicano Sebastião Tauzin, Hamilton Nogueira, Alceu de Amoroso Lima. Nesse ambiente desenvolveu o espírito religioso, aprofundou a filosofia, ética, estudos superiores católicos, aulas essas muitas vezes ministradas em francês, valendo-se do que aprendera nos ensinamentos particulares em Cuiabá, com o professor Jean Joseph Marie Quyl. Neste período, mostrando a que veio, traduziu a obra "*La Société et L'État*".

Foi nesse momento consolidada a figura do "Oráculo Cuiabano", expressão de muitas definições, na faceta religiosa, reportando aos tempos da Grécia antiga, como a manifestação de Deus através da palavra dos seus profetas, ou ainda a pessoa cuja palavra representa muito peso, inspira plena confiança. Esta a imagem de Luis-Philippe, imparcial, filósofo, religioso, ético e moral.

Concomitantemente, despertava nele a sanha do historiador, participa no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, toda semana das aulas e conferências, onde complementa sua formação como pesquisador da história. Concluiu a faculdade, gradua-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais a 17 de dezembro de 1940, estava pronto para voltar e iniciar sua bela carreira, poderia até seguir no emprego, ascender por seus méritos, e ainda o padrinho. Fica no Rio de Janeiro até 15 de março de 1941, e acompanha a instalação no Colégio Santo Inácio das faculdades de Direito e Filosofia da PUC, Gustavo Capanema Ministro da Educação presidiu a cerimônia, presente o Cardeal Leme. Proferiu a aula inaugural um ícone dos jesuítas, Pe. Leonel Franca.

A VIDA PROFISSIONAL

Logo após seu retorno a Cuiabá, em 21 de março, logo no dia 27 de março de 1941, Luis-Philippe veio a ser nomeado para o cargo de Oficial de Gabinete do Secretário-Geral do Governo de Mato Grosso, que era João Ponce de Arruda.

Em agosto de 1941, junto ao Secretário-Geral organiza a visita do Presidente Getúlio Vargas à Cuiabá, oportunidade em que houve a inauguração do 16º Batalhão de Caçadores, lançamento da pedra fundamental do Palácio Arquiepiscopal, audiências, banquetes, dentre mais comemorações. Reza a história que durante uma missa, o Presidente Vargas recebeu a notícia de sua eleição para ocupar uma cadeira na

Academia Brasileira de Letras, graças a uma intervenção de acadêmico Dom Aquino, alterando os estatutos.

Por determinação de uma lei marcial, a 15 de outubro de 1942, foi incorporado como soldado no 16º Batalhão de Caçadores. Depois, em 9 de janeiro de 1943, por força ainda dessa lei é matriculado na 1ª turma do NPOR. Em 3 de maio de 1944 foi declarado Aspirante, e também dado baixa. Ainda em 13 de novembro de 1944 veio a ser chamado para estágio, visando sua promoção a 2º Tenente, período que se estendeu até 13 de fevereiro de 1945.

Foi designado ainda em 1945, pelo Interventor Júlio Müller para participar de uma comissão, cujo objetivo era realizar um projeto de Constituição Estadual, cujo trabalho foi entregue em 20 de outubro desse ano. Entretanto, deixou de prosperar, em razão da Revolução que nessa data derrubou Vargas.

Ingressa na Academia Mato-Grossense de Letras por indicação de Dom Aquino Corrêa e José de Mesquita, sendo a posse ocorrida em 8 de abril de 1946, o aniversário do xará almirante, recepcionou-o Dom Aquino Corrêa. Seu ingresso no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso também não teve obstáculos, foi indicado pelo desembargador José Barnabé de Mesquita, assume em 8 de junho de 1946, conforme tradição não houve solenidade de posse. Durante 30 anos foi tesoureiro conjunto da Academia e do Instituto afastando-se dos cargos em 1976, quando assumiu a presidência do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Novamente, o nome de Luis-Philippe volta ao quadro de uma Constituinte convocada apenas para este fim, agora eleito no pleito em 19 de janeiro de 1947. Ilustres nomes formaram a bancada constituinte, merecendo destacar: Italívio Coelho, José Manoel Fontanillas Fragelli, Lenine de Campos Póvoas, Penn de Moraes Gomes, Sebastião de Oliveira - pai de Dante Martins de Oliveira, e Valdir dos Santos Pereira. Aprovada a Constituição, o Oráculo afasta-se da vida política.

Neste ano ainda, veio a se casar com Neuza da Silva Pereira, filha de Humberto da Silva Pereira e Mariana Viegas Pereira, não teve filhos.

Foi nomeado para o destacado cargo de Procurador-Geral do Estado, durante o governo de Arnaldo Estevão de Figueiredo e, assim, veio a ter presença no Tribunal de Justiça, hoje seria a Procuradoria-Geral de Justiça. Nesta condição, produziu notáveis pareceres, como o relativo ao assassinato do Capitão Titi, e da disputada eleição para Presidente do Tribunal de Justiça.

Vindo o Presidente Eurico Gaspar Dutra para Cuiabá, em 1948, foi nomeado Assessor para Assuntos da Casa Civil do Presidente da República, visando atendê-lo irrestritamente no período de sua permanência nesta capital. Momento mais tocante foi a visita do Presidente ao sepulcro de sua genitora. A cidade recebe ainda obras federais, a canalização da Prainha e as casas da Popular.

Durante os anos 50, a doença da visão de Luis-Philippe avança drasticamente, era poliorretinite grave, instabilizando sua vida profissional. Ele acreditava que a doença desenvolvera-se em razão do sol forte a que ficou exposto sua cabeça e a vista durante os exercícios no curso NPOR.

Durante o governo de João Ponce de Arruda, este sempre solicitava que ele fosse visitar em seu nome o general Rondon, que ficava hospedado na casa do velho amigo Odorico Tocantins, onde o militar recebia aos que o procuravam. Sobre o General, registrou ser o visitante oficial uma pessoa interessante, estatura baixa, forte, moreno e apesar de octogenário, estava firme e lúcido. Quando faleceu Rondon em 1958, nosso oráculo enviou pedido ao Ministro da Guerra Teixeira Lott, e solicita que a cidade recebesse o busto de Rondon, a resposta veio em 20 de janeiro de 1959, encontra-se lá na Praça Alencastro.

Transformando-se a Procuradoria-Geral do Estado em Procuradoria-Geral de Justiça, o então governador Fernando Corrêa da Costa incumbiu uma comissão para apresentar uma proposta política a Luis-Philippe. Aposentando-se seu pai do Cartório do 2º Ofício, permanecia o cargo vago, por outro lado, infelizmente, o quadro da visão agravava-se, a cada dia mais. Foi composto ajuste, pediu exoneração da Procuradoria e assume o cartório, tornando-se oficialmente o Tabelião do 2º Ofício em 18 de julho de 1951. A introspecção produziu outros resultados, dedica-se a escrever e historiografar personagens, aproveitando dos ensinamentos colhidos de sua experiência no Rio de Janeiro, culminando a sua obra em 82 publicações e infindos Títulos !

Seu pai veio a falecer em 1959, fato que decorreu em profunda depressão e ficou realmente abalado, aliando-se à falta já definitiva da visão.

Durante os anos 60, participa de uma Comissão definida pela arquidiocese que estuda a situação da Catedral, que sofria com rachaduras profundas, afundamentos e não poderia ser tombada em razão de certas alterações feitas na torre. Esta Comissão de reconstrução entrega, após árduo trabalho de cinco anos, a atual Catedral e para a nova cripta foram remanejados os despojos de Pascoal Moreira Cabral, assim como o de ilustres membros do clero mato-grossense. Luis-Philippe teve ainda

influência capaz de trazer também, os restos mortais de Miguel Sutil de Oliveira, trasladados da matriz de Sorocaba para a de Cuiabá.

Após falecer seu genitor, em 1959, a irmã Hermínia, em 1973, recebe em 13 de dezembro 1980, a notícia que o irmão, José Venâncio Pereira Leite, sofrera grave derrame cerebral, ao atuar numa banca de doutoramento. Imediatamente, se desloca a São Paulo para acompanhar José Venâncio nesse momento crucial, porém, malgrado seus esforços, ele faleceu a 26 de dezembro 1980.

A total falta da visão, limitou-o profundamente, saía de casa apenas em raras ocasiões, para as reuniões do Instituto Histórico e Academia de Letras, ou para receber alguma homenagem, como a Ordem do Mérito de Mato Grosso, a Ordem do Mérito do Judiciário-MT, ainda o centenário da chegada da Missão Salesiana no Estado. O recolhimento seguiu produzindo outros resultados, nas décadas de 80 e 90, foi o período em que mais trabalhos literários realizou, passando lento seu tempo. Assim o nosso Oráculo seguiu envelhecendo e se aproximando do Ente, até o momento em que foi acometido de um crônico problema respiratório, transferido em aeronave especial para Ribeirão Preto, não retornaria vivo. Finalmente, sucumbiu após longo período de sofrimento nas UTI's, o mártir da historiografia, mecenas do Instituto Histórico e Geográfico e da Academia Mato-Grossense de Letras, em 4 de fevereiro de 1999.

No tocante ao aspecto pessoal, pude estar com ele ao tempo em que residia no Bairro Popular, quando apresentei-o em vida aos meus filhos, acabava de almoçar e fechou com um potinho de furrundu a refeição. Após a despedida, as crianças ficaram indagativas, mas marcaram brilhante tento na vida, e nós fomos ao Choppão.

Finalmente, eu, na condição de Secretário-Geral da Academia Mato-Grossense de Letras à época, fui incumbido de receber o corpo no aeroporto e cumprir as diligências até a funerária Dom Bosco, velório na Casa Barão de Melgaço, Missa de Corpo Presente na Catedral Metropolitana de Cuiabá, e cortejo até as despedidas finais no cemitério da Piedade, onde descansa eternamente sono dos justos.

está escrito “SantAS MEDALHAS, PLACAS E DIPLOMAS RECEBIDOS

1. Medalha do Mérito Imperador Pedro II - Ordem do Mérito da Cultura e Cavaleiresca de Santo Amaro, estampando de efígie do Imperador Pedro II.
2. Medalha alusiva à Inauguração do Edifício da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, outorgada pelo Presidente Nelson Ramos, 1972

3. Medalha comemorativa do Centenário de Nascimento de Carlos Chagas, outorgada pelo Governo de Minas Gerais, 1979
4. Medalha da Marinha, em Homenagem ao Almirante Tamandaré, de um lado o símbolo da Marinha, no verso o Busto do Almirante Tamandaré, 1957
5. Medalha comemorativa dos 250 Anos de Fundação de Cuiabá, estampando o busto de seu fundador, o Bandeirante Pascoal Moreira Cabral, 1969
6. Medalha comemorativa dos 25 Anos de Fundação da Universidade Federal de Mato Grosso, estampando o brasão alusivo à mesma data, 1985
7. Medalha Mérito José de Mesquita, estampando de um lado os estes dizeres e do outro a inscrição, "Tribunal de Justiça de Mato Grosso".
8. Medalha Benemérito da Educação, outorgada pelo Instituto Nacional de Expansão Cultural, inscrito "Personalidade Bandeirante Brasil Presente".
9. Medalha Amigo a Marinha, outorgada pela Sociedade Amigos da Marinha.
10. Medalha comemorativa dos 200 Anos de Fundação de Cuiabá, contendo as inscrições "8 de abril de 1719" e "Lembrança de Cuiabá, Pascoal Moreira Cabral e Miguel Sutil", 8 de abril 1919.
11. Medalha e Título de Benemérito da Cultura, outorgado pela Casa da Memória "Arnaldo Estevão de Figueiredo", em convênio com o Ministério da Cultura e alusiva também aos 250 Anos de criação da Capitania de Mato Grosso, dos 100 Anos de Campo Grande (MS) e dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil. Campo Grande, 1998.
12. Medalha do Mérito Militar, outorgada pelo Ministério da Guerra. Estampa de um lado, um trevo de quatro folhas presas a um círculo verde, tendo ao centro, a inscrição "Mérito Militar". Rio de Janeiro, 1934
13. Medalha comemorativa do Sesquicentenário da Independência do Brasil. Estampando de um lado, outorgada pela UFMT. Cuiabá, setembro de 1972.
14. Medalha de Pacificador "Duque de Caxias", outorgada pelo Ministério da Guerra. Cuiabá.
15. Medalha Mérito Mato Grosso, outorgada pelo Governo do Estado de Mato Grosso. Contém a inscrição "Virtute Plusquam Auro".
16. Comenda Júlio Müller, outorgada pela Assembleia Legislativa de MT.
17. Medalha comemorativa dos 70 Anos do Banco do Brasil, outorgada pela mesma Instituição. Cuiabá, 16 de março 1992.
18. Placa alusiva aos 70 Anos do Titular. Cuiabá, 12 dezembro 1976

19. Placa oferecida ao Titular pelos amigos do 27º Quarteirão, 1975
20. Placa Comemorativa dos 50 Anos do Titular como sócio da Santa Casa de Misericórdia de Cuiabá. Cuiabá, 26 de janeiro de 1997.
21. Placa alusiva ao ingresso do Titular como sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 23 de abril 1986.
22. Placa comemorativa dos 50 Anos de Atuação do Titular na Vida Pública.
23. Placa oferecida pelos "Irmãos de Cuiabá". Outubro, 1978
24. Placa oferecida ao Titular pela Fundação Cultural de MT, por relevantes serviços prestados à Cultura Mato-grossense. Cuiabá, 18 de novembro 1983.
25. Placa oferecida pelos "Irmãos de Cuiabá". Cuiabá, 12 de dezembro de 1977.
26. Placa alusiva aos 80 Anos do Titular. Cuiabá, 12 dezembro 1996.
27. Placa alusiva à inauguração da Galeria dos ex-Comandantes do 44º BIMTz. Cuiabá, 23 de janeiro de 1979.
28. Placa "Antônio João Ribeiro", oferecida pelos moradores de Poconé, por ocasião das homenagens prestadas ao Herói. Poconé, 21 de janeiro de 1981.
29. Placa oferecida por ocasião comemorações 29º Aniversário da Embratel. Cuiabá, 16 de setembro 1994.
30. Placa alusiva ao aniversário do Titular, oferecida pelo Prefeito de Cuiabá, Gustavo de Arruda. 12 de dezembro 1980.
31. Placa oferecida pelo Instituto Histórico e Geográfico de MT, comemorativa aos 50 Anos do Titular como sócio efetivo. Cuiabá, 18 de julho 1976.
32. Placa oferecida pelos funcionários do 2º Ofício de Cuiabá, comemorativa aos 50 Anos do Titular como sócio efetivo do IHGMT. Cuiabá, julho 1976.
33. Placa oferecida pelo IHG de MT, alusiva aos 20 anos do Titular à frente da Presidência da Instituição - 1976 / 1996. Cuiabá, 1996.
34. Diploma de Cooperador Salesiano, oferecido por essa Ordem. Cuiabá, 29 de julho de 1957.
35. Diploma de Sócio Efetivo da Academia Mato-Grossense de Letras. Cuiabá, 7 de setembro 1954.
36. Medalha Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, oferecida pela Sociedade Geográfica Brasileira. São Paulo, 8 de junho 1960.

37. Diploma de sócio da Congregação de Nossa Senhora das Victorias do Externato Santo Ignácio. Rio de Janeiro, 19 de dezembro 1937.
38. Diploma de sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Cuiabá 1956.
39. Medalha do Cinquentenário do Gabinete Fotocartográfico. Rio de Janeiro, 29 de abril de 1959.
40. Pintura a óleo sobre tela estampando o rosto de Luis-Philippe Pereira Leite, de autoria de Victor Hugo. Cuiabá, 1998.

REFERÊNCIAS:

SILVA. Paulo Pitaluga Costa e. *Philippeanas*. Cuiabá: Buriti, 1999.

DORILEO, Benedito Pedro. *Oráculo Cuiabano*.

WWW//ACADEMIA DE LETRAS. Portal da Academia Mato-Grossense de Letras
Wikipedia, the free encyclopedia. Acesso em 2016.